



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Educação e Literatura: saberes, cultura e leitura

Sinop, v. 10, n. 1 (26. ed.), p. 536-547, jan./jul. 2019

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

ANÁLISE DA CRÍTICA METALITERÁRIA EM 'AMOR DE PERDIÇÃO' E 'CORÇÃO, CABEÇA E ESTÔMAGO' DE CAMILO CASTELO BRANCO

ANALYSIS OF THE METALITERARY CRITICISM IN 'AMOR DE PERDIÇÃO' AND 'CORÇÃO, CABEÇA E ESTÔMAGO' BY CAMILO CASTELO BRANCO

Camilla Guedes Tiburcio Pazim

RESUMO

Este trabalho analisa a crítica metaliterária em duas obras do autor português Camilo Castelo Branco: **Amor de perdição** e **Corção, cabeça e estômago**. O objetivo é pensar em como o autor utiliza-se da obra literária para criticar os estereótipos da literatura vigente na época, o Romantismo. A análise pautou-se em Simão Botelho de **Amor de Perdição** e Silvestre de **Corção, cabeça e estômago**. O embasamento teórico deu-se, principalmente, em Paulo Franchetti, Antonio Candido e Luciene Marie Pavanelo. Conclui-se que, apesar de serem considerados romances românticos, Camilo, através da crítica metaliterária, reprova a alienação do Romantismo frente à realidade.

Palavras-chave: Literatura. Literatura Portuguesa. Romance romântico. Camilo Castelo Branco. Crítica metaliterária. Teoria da Literatura.

ABSTRACT

This work analyzes the metalliterary criticism in two works of the Portuguese author Camilo Castelo Branco: **Amor de Perdição** and **Corção, cabeça e estômago**. The goal is to think about how the author uses the literary work to criticize the stereotypes of literature in force at the time, Romanticism. The analysis was based on Simão Botelho de **Amor de Perdição** and Silvestre de **Corção, cabeça e**



estômago. The theoretical basis was given mainly by Paulo Franchetti, Antonio Candido and Luciene Marie Pavanelo. It is concluded that, although they are considered romantic romances, Camilo, through the metalliterary critique, reproves the alienation of the Romanticism before the reality.

Keywords: Literature. Portuguese Literature. Romantic novel. Camilo Castelo Branco. Metaliteracy criticism. Literature Theory.

Correspondência:

Camilla Guedes Tiburcio Pazim. Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade de São Paulo em 2011 e graduada em Letras Português/Inglês pela Unesp/Ibilce em 2017. Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat). Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Unemat, Câmpus de Sinop, na linha de pesquisa de Estudos Literários. Membro do Grupo de Estudos Comparativos de Literatura (GECOLIT). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: camilla.gt26@gmail.com

Recebido em: 27 de novembro de 2018.

Aprovado em: 18 de fevereiro de 2019.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3392/2488>

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa analisar a crítica metaliterária em duas obras do autor português Camilo Castelo Branco, sendo os romances escolhidos para essa análise: **Amor de Perdição** e **Coração, cabeça e estômago**. Pensaremos, primeiramente, em como se dá a crítica metaliterária, ou seja, como o autor utiliza-se da obra literária para criticar a literatura vigente no século XIX, o Romantismo. Depois, faremos a justificação da análise com base em alguns teóricos, focando na trajetória das obras camilianas e na teoria da literatura. Em outro momento, na conclusão, refletiremos em que medida há correspondência crítica entre os romances analisados.

Em 2012, a obra **Amor de Perdição** completou 150 anos desde sua 1ª edição, Camilo Castelo Branco foi um escritor da Literatura Portuguesa de mercado, escrevia para se sustentar, era necessário, desse modo, produzir literatura que vendesse, produzia-se aquilo que contivesse as características esperadas pelo público leitor. Assim, como está submetido à prática da literatura como profissão,

condenado ao público que tem, a genialidade de Camilo está em utilizar-se criticamente das expectativas de leitura de seu público, a matéria principal nas obras camilianas são as imagens da narrativa e sua função na sociedade burguesa (FRANCHETTI, 2003).

Nos estudos literários, Camilo é sempre categorizado como escritor de romances românticos. Em **Amor de Perdição**, obra que tem os pressupostos românticos, como a regeneração de Simão Botelho depois de apaixonar-se, o amor idealizado e não concretizado de Simão e Teresa, o bucolismo e tudo atrelado ao sentimentalismo exacerbado. Pensaremos sobre como Camilo insere a passionalidade e a sátira no comportamento de dois personagens das obras aqui selecionadas, como meio de crítica dos padrões literários vigentes à época.

Assim, em **Amor de Perdição** analisaremos o personagem Simão, de modo a tentar provar a presença da crítica metaliterária na construção das características dessa personagem. Simão, desde o início do romance apresenta traços de antagonista, é dado à violência e às arruaças, mas são, posteriormente, mesclados, ocultados, pelos traços de herói romântico quando ele apaixona-se por Teresa de Albuquerque. Seguindo a mesmo percurso analítico, em **Coração, cabeça e estômago** pensaremos na idealização amorosa do personagem Silvestre, em como os modelos de mulher e amor idealizados pelos românticos não encontram correspondência na realidade, aspectos que são refletidos no comportamento de Silvestre.

2 METODOLOGIA

A pesquisa para elaboração da crítica e reflexão literária aqui proposta é de cunho qualitativo, deu-se por uma pesquisa bibliográfica que caracteriza-se por seu aspecto de busca por material já elaborado, como em livros, artigos de periódicos e publicações de eventos científicos (GIL, 2002). Partindo da leitura dos romances com vistas à seleção de possíveis aspectos analíticos e, com base nas notas de aula da disciplina “Narrativa Portuguesa”, ministrada pela Professora Luciene Pavanelo no curso de Letras da Unesp, no ano de 2017. Este artigo é, portanto, a expansão de uma análise inicial que se baseou apenas nos aspectos literários das obras camilianas aqui analisadas.

Tendo em vista que a ampliação da pesquisa ocorreu com a busca por fundamentação teórica que desse suporte a análise feita, ou seja, teóricos que respaldassem e fossem ao encontro da perspectiva adotada. Houve ainda, como parte consoante do processo, a entrevista com Genivaldo Rodrigues Sobrinho, que corrobora com o pensamento aqui veiculado de que a literatura é atemporal, ainda que seja pensada para atingir determinado público em uma época específica.

3 ANÁLISE CRÍTICA

Em **Amor de Perdição** há a narração de um amor proibido protagonizado por Simão Botelho e Teresa de Albuquerque. Ambos muito jovens, são vizinhos e se apaixonam quando trocam olhares e começam a conversar através das janelas de suas casas. Porém, suas famílias são rivais e proíbem a concretização do amor do casal de namorados. Simão, logo no início da obra, nos é apresentado com dado ímpeto à violência e pouco ligado às tradições familiares, ou seja, mostra-se mais um baderneiro do que um personagem com traços de mocinho romântico. Conforme o trecho a seguir, em que o irmão mais velho de Simão faz reclamações ao pai sobre o comportamento do caçula.

O filho mais velho escreveu a seu pai queixando-se de não poder viver com seu irmão, temeroso do gênio sanguinário dele. Conta que a cada passo se vê ameaçado na vida, porque Simão emprega em pistolas o dinheiro dos livros, convive com os mais famosos perturbadores da academia e corre de noite as ruas insultando os habitantes e provocando-os à luta com assuadas. (CASTELO BRANCO, 2004, p. 26).

Entretanto, as ações desordeiras de Simão começam a se dissiparem. Dá-se uma abrupta mudança em seu comportamento e ao lermos, nos deparamos com a tentativa de construção de um herói romântico. Tal mudança é devida ao fato de Simão começar a amar Teresa. Ele adquire a imagem dos poetas românticos, aparece o bucolismo, a solidão, a valorização da tranquilidade, da reflexão. O comportamento vai sendo transformado no de herói romântico. Aparecem a calma e o bucolismo.

No espaço de três meses fez-se maravilhosa mudança nos costumes de Simão. [...] O campo, as árvores e os sítios mais sombrios e ermos eram o seu recreio. Nas doces noites de estio demorava-se lá fora até o repontar

da alva. [...] Em casa encerrava-se no seu quarto, e saía quando o chamavam para a mesa. [...] Simão Botelho amava. (CASTELO BRANCO, 2004, p. 29).

Simão, como visto na citação acima, mostrou-se completamente diferente do que havia sido. A crítica acontece na percepção de que a mudança real não ocorreu, o personagem ainda tem em si o comportamento violento, o amor de Teresa é uma desculpa para que ele aja com ímpeto brutal. Essa construção antagônica aparece em todo o romance; Simão é transformado pelo amor, mas apenas superficialmente, não há mudança profunda, ou seja, não há mudança de caráter. Teresa lhe escreve para contar sobre o primo Baltasar Coutinho, que tenta cortejá-la e tem a aprovação de seu pai, Tadeu de Albuquerque, para o casamento.

Simão se enfurece, e nesse momento nasce o desejo de matar Baltasar, mesmo que essa ação resulte em ficar sem Teresa. Segundo Lílian Lopondo, “[...] Simão vai guiar-se, cada vez mais, pela impulsividade do seu caráter, e não, como se poderia supor, pelo amor de Teresa que se torna, desse modo, um ponto de referência a partir do qual as ações de Simão se justificam.” (LOPONDO, 2003, p. 535) Ele é movido pela honra, não pelo amor. Podemos, claramente, comprovar os ímpetos de Simão perpassados pelo ódio e violência, mas isentos de amor.

O acadêmico, chegando ao período das ameaças, já não tinha clara a luz nos olhos para decifrar o restante da carta. Tremia sezões, e as artérias frontais arfavam-lhe intumescidas. Não era sobressalto do coração apaixonado: era índole arrogante que lhe escaldava o sangue. Ir dali a Castro-Daire e apunhalar o primo de Teresa na sua própria casa foi o primeiro conselho que lhe segredou a fúria do ódio. (CASTELO BRANCO, 2004, p. 38).

Desse modo, com ações tão antagônicas, Camilo Castelo Branco constrói um personagem romântico com características tão contrárias ao de herói, há um confronto entre os traços que o compõem. O autor nos coloca diante da reflexão sobre a veracidade dos heróis românticos, ou seja, até que ponto há correspondência entre esses personagens e a realidade. Simão não é real, não é honesto em seu amor, seu comportamento é estereotipado, faz uso desse amor como justificativa para ser quem sempre fora, violento, sanguinário. Sob essa perspectiva, “Poderia viver com a paixão infeliz; mas esse rancor sem vingança é um inferno. [...] Ficarás sem mim, Teresa; mas não haverá aí um infame que te persiga

depois da minha morte.” (CASTELO BRANCO, 2004, p. 74). Simão não é um herói romântico, há subversão ao comportamento sentimental em seus atos.

Outra reflexão importante apontada pelo autor na obra é o fato de os romances românticos não falarem sobre dinheiro, ou seja, não trazem o retrato da vida real. Simão planeja fugir com Teresa, mas não possui recursos para realizar a ação. Mesmo que haja o amor do casal apaixonado, há também as necessidades reais exigidas para uma fuga, mas essas, muitas vezes, são songadas e deixadas no plano da idealização. A crítica está no modo de pensar idealizado que não encontra referência no mundo real, em que as situações são concretas e exigem planejamento, controle e reflexão, enquanto a literatura romântica fantasia sujeitos e situações inexistentes.

E ficou pensando na sua espinhosa situação. Deviam de ocorrer-lhe ideias aflitivas, que os romancistas raras vezes atribuem aos seus heróis. Nos romances todas as crises se explicam, menos a crise ignóbil da falta de dinheiro. Entendem os novelistas que a matéria é baixa e plebeia. (CASTELO BRANCO, 2004, p. 63).

Pensemos ainda no motivo da morte do casal Simão e Teresa: ambos morrem de amor, por saber estarem condenados a viver separadamente. Esse destino não seria surpresa, já era traçado por pertencerem a famílias rivais, mas também foi perpetuado pelas ações impulsivas de Simão, pois ao matar Baltasar Coutinho, condenou qualquer chance de ficar junto com Teresa. O narrador, porém, questiona a morte do casal, coloca em dúvida sua verossimilhança; no mundo real as pessoas amam, decepcionam-se, mas continuam vivendo, não há corpo que morra por amor.

No capítulo em que é narrada a história de Manuel Botelho, irmão de Simão, que retoma a vida depois de fugir com uma mulher casada, separam-se e ela retorna para casa, o narrador coloca o leitor diante de uma dose de realidade no meio de uma narrativa romantizada. A crítica se faz na dualidade entre a literatura romântica, que não condiz com a realidade, mas tem mercado consumidor e a veracidade dos fatos cotidianos, que não são repletos de sentimentalismos. Camilo chama essa morte romantizada de ‘morte por vergonha’ e liga-a ao autor referência do movimento romântico, Almeida Garret.

[...] o estudante continuava nesse ano a frequentar a universidade; e, como já tinha vasta instrução em patologia, poupou-se à morte da vergonha, que é morte inventada pelo visconde de A. Garret [...], e à morte a paixão, que é outra morte inventada pelos namorados nas cartas despeitosas [...] (CASTELO BRANCO, 2004, p. 107).

Seguindo o mesmo eixo de análise, ou seja, como os personagens camilianos têm traços que levam à análise crítica de comportamentos literariamente estereotipados, encontramos em **Coração, cabeça e estômago** o apontamento ao romantismo na perspectiva da idealização amorosa. O personagem Silvestre possui um ideal de mulher tirado dos romances românticos e nunca encontra correspondência dessa idealização na realidade. Ele constantemente frustra-se na busca da mulher ideal, pois ela não existe; assim, há sempre uma contraposição entre a visão idealista de Silvestre e a vida real.

Esse ideal de mulher aparece, por exemplo, quando o personagem se apaixona por Elise de la Sallette. Silvestre acredita ser ela uma elegante dama francesa, mas ele é iludido pela moça que se passara por tímida e inocente, seguindo o padrão das heroínas românticas, na tentativa de conquistar e enganar Silvestre. Ele apaixona-se e escreve sobre ela, chama-a “Santa”, mas logo descobre que fora enganado e Elise é uma cortesã. Em outro momento começa a amar Clotilde, porém não sabe quem ela é, apaixona-se de vista, mas vê poesia, lirismo ao simplesmente ouvir o nome da amada. Silvestre idealiza e se apega às imagens construídas por ele e, por não fazerem jus à realidade, sempre se decepciona com a concretude da existência. Clotilde era casada com o homem com quem Silvestre estava a conversar. “Se queres mulheres para romances e prosas, pede-as à tua imaginação e deixa o mundo como ele está, que não pode ser melhor.” (CASTELO BRANCO, 2016, p. 33)

Além da busca frustrada pelo amor perfeito, Silvestre, em determinado momento, se caracteriza de modo a assemelhar-se, fazer parecer-se fisicamente, com os românticos. Mas essa construção é uma farsa, é a criação de um estereótipo para que a sociedade o olhe e o note, para que ele seja vinculado ao movimento, mas não que ele tenha a concepção, os ideais ou o caráter dos românticos.

Comecei, pois, por dar à cabeça um ar fatal, que chamasse a atenção e aguçasse a curiosidade dum mundo já gasto em admirar cabeças não vulgares. [...] A minha cara ajeitava-se pouco à expressão dum vivo

tormento de alma [...] uma formal estupidez de espírito e não sei que profundo dissabor até da farsa em que eu a mim próprio me estava dando em espetáculo. [...] O meu cavalo era negro, negro o meu trajar, tudo em mim e de mim refletia a negridão da alma. Cheguei a enganar-me comigo mesmo, e a remirar-me a mim próprio, com certo compadecimento e simpatia. (CASTELO BRANCO, 2016, p. 37).

Toda a descrição é acompanhada de um tom cômico. A crítica metaliterária está na atitude sarcástica do narrador na caracterização de Silvestre, pois no mundo real ninguém se veste ou aparenta, naturalmente, ser como os poetas românticos, há a construção desses traços, mas são avessos à realidade. Há aqueles que sofrem por amor, mas Silvestre finge sofrer para alcançar notoriedade.

O personagem de autoria de Camilo remete-se, ainda na perspectiva do comportamento, à mulher do Porto, como ela era feliz antes do advento da literatura romântica e como tornou-se pálida depois que começou a consumir esse tipo de obras. Vemos agora, já na segunda parte do romance (“Cabeça”) o olhar negativo do personagem para a influência do Romantismo sobre as pessoas, houve o distanciamento entre a felicidade de outrora, a naturalidade da vida e começou-se a pairar a melancolia e a busca pelo estereótipo romântico.

A mulher do Porto, como ela era há quinze anos [...] gozava-se de cores ricas de bom sangue; era redonda e brunida em todas as suas formas; [...] ria francamente com os lábios inteiros; [...] bebia o seu cálice de Porto; comia com angélico despejo uma dezena de sanduíches; tornava para as danças com redobrado ardor [...]. Ai!, dez anos depois, a mulher do Porto já não era assim, não! Tinha passado por elas o bafo pestilencial do romance. Liam e morriam para a verdade e para a natureza legítima. Invejavam a palidez das pálidas e a espiritualidade das magras. (CASTELO BRANCO, 2016, p. 87).

O narrador nos coloca diante da perspectiva de outrora, antes do advento do Romantismo, em que havia naturalidade nos comportamentos sociais. Silvestre, que na sua fase “Coração” fora idealizador do amor ideal e ousou fazer-se “disfarçado” de poeta ultrarromântico, agora, quando torna-se “Cabeça”, critica a postura dos românticos, bem como a influência que exercem nos sujeitos comuns. Para parecer romântico há que se deixar de ser saudável, de ser naturalmente feliz e espontâneo, é necessário ter a alma negra, o espírito melancólico, posturas criticadas pelo narrador.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Ainda que há muitos anos venha sendo referência nas escolas nos estudos que envolvem o Romantismo, Camilo Castelo Branco criticou características padronizadas deste movimento literário, pois conforme nos explicita Pavanelo (2009), “[...] Camilo parece engendrar um movimento de adesão e repúdio aos discursos literários de seu tempo, utilizando-se deles para criticá-los [...]” (PAVANELO, 2009, p. 84). Muitas vezes, uma leitura superficial leva o leitor a não questionar ou perceber a crítica construída pelo autor.

Com intuito de corroborar com os argumentos para pesquisa e construção deste artigo, foi feita uma entrevista com Genivaldo Rodrigues Sobrinho¹, professor da área de literatura. Em sua fala, podemos observar a reflexão feita sobre a possibilidade de múltiplas leituras de uma obra e como há variação nas interpretações ao longo do tempo.

(01) Genivaldo: Ao produzir um texto literário, o escritor sempre busca um leitor de seu tempo. No entanto, o texto de qualidade vai transcender espaço e tempo, fazendo que com ele se torne atemporal. Um outro fator que se leva em conta é o trabalho da crítica literária que tende a mudar o olhar de acordo com os estudos críticos realizados em períodos de tempos diferentes.

As obras camilianas têm sido atemporais, pois estão configuradas para além de enredos previsíveis e não se vinculam apenas à sociedade vigente da época. Segundo Antonio Candido, a obra de arte influencia o meio, mas é uma ação dialética e não mecanicista, ou seja, não há uma influência unilateral, a sociedade é parte da construção da obra de arte e esta torna-se atuante nos grupos sociais, dá-se um movimento cíclico entre as partes (CANDIDO, 2000). Assim, nas obras aqui analisadas, a construção dos personagens, Simão e Silvestre, é pautada na verossimilhança, entretanto, nota-se em suas ações a passionalidade e a sátira que levam o leitor a questionar a correspondência dos estereótipos com a realidade.

Nesse caso, a obra de arte inspira-se no real, no social e historicamente

¹ Professor Doutor Genivaldo Rodrigues Sobrinho é titular na Universidade do Estado do Mato Grosso atuando principalmente nos seguintes temas: literatura mato-grossense, língua inglesa, literatura inglesa e norte-americana e literatura cabo-verdiana.

estabelecido como padrão, mas utiliza-se desses aspectos para criticá-los. Ainda segundo Genivaldo Rodrigues Sobrinho, há a perpetuação de algumas ideias, mas as obras são constantemente revisitadas, tornando possível novas leituras e análises.

(02) Genivaldo: uma obra passa para a posteridade quanto ela é capaz de responder a outras questões daquelas postas na época de sua criação. Ela responde a outras questões em outros tempos e espaços. É que também nem todas as leituras são legítimas. As obras são canônicas por isto.

Camilo, através da crítica metaliterária, reprova a alienação do Romantismo frente à realidade. A materialidade dessa crítica encontra-se, por exemplo, nas atitudes pouco heroicas de Simão Botelho, apesar de declarar-se apaixonado por Teresa, ele busca saciar seus instintos violentos usando a amor como justificativa. A construção satírica de Silvestre também nos mostra que “a partir de seu personagem, o narrador questiona tanto os comportamentos sociais influenciados pelas leituras românticas, como o próprio discurso do Romantismo, ridicularizando os escritos do protagonista [...]” (PAVANELO, 2009, p. 88).

Segundo Antonio Candido, em nosso cotidiano o conhecimento que temos sobre um outro sujeito é sempre incompleto, fragmentário, pois é vinculado à uma percepção física limitada, enquanto no romance, nossa experiência é criada, é estabelecida racionalmente pelo escritor que delimita e encerra dentro da estrutura da narrativa o conhecimento da personagem, formando um todo coeso, ao contrário da infinitude de possibilidades da vida (CÂNDIDO, 2014). Desse modo, pensando na ação dialética da obra literária, seja “na manutenção ou mudança de uma certa ordem na sociedade.” (CANDIDO, 2000, p. 46) faz-se possível a análise dos personagens camilianos marcados por complexas características de construção literária, racionalmente estabelecidas pelo autor para que tenha sua função social

5 CONCLUSÃO

Ao analisar os romances camilianos aqui tratados, percebemos a crítica literária perpassada na estrutura de suas obras e na composição das personagens.

Camilo, sagazmente, cria traços de inverossimilhança nas ações de Simão e Silvestre que apontam para a utopia comportamentalista social do Romantismo, ou seja, ambos os romances se correspondem ao criticar o Romantismo e sua falta de referência com o mundo real. Camilo deixa claro que é uma literatura de mercado, ou seja, voltada para o consumo, mas que não estabelece relação com a realidade, não há modelo semelhante de vida que se pautem e se sustentem nos moldes românticos. Quando existe a tentativa de acompanhar a referência e trazê-la para os ideais do cotidiano, há a frustração, como houve com Silvestre ou, como no caso de Simão, um herói pouco autêntico.

Camilo Castelo Branco adota um olhar cético diante da sociedade capitalista e seus relacionamentos pautados na acumulação de patrimônio, assim, a aspiração romântica é entretenimento e não realidade inspiradora. Ainda que fosse inspiração, não há nessa literatura vínculo verossímil que sustente os desejos e anseios da realidade cotidiana. Desse modo, estabelece-se a crítica metaliterária nesse jogo dialético entre obra e sociedade, a influência atua de modo bilateral, ainda que haja a necessidade de uma leitura atenta e crítica, o sagaz narrador camiliano imprime reflexão na “banalidade” de comportamentos utópicos preconizados por uma escola literária.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. A literatura e a vida social. *In*: _____. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000. p. 17-39.

_____ *et al.* **A personagem de ficção**. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CASTELO BRANCO, Camilo. **Amor de perdição**. São Paulo: Moderna, 2004.

_____. **Coração, cabeça e estômago**. São Paulo: Via Leitura, 2016.

FRANCHETTI, Paulo. Apresentação. *In*: Castelo Branco, Camilo. **Coração, cabeça e estômago**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

RODRIGUES SOBRINHO, Genivaldo. **Genivaldo Rodrigues Sobrinho**: entrevista [10 set. 2018]. Entrevistadora: Camilla Guedes Tiburcio Pazim. Sinop, MT, 2018. 2 f. Entrevista concedida para escrita de artigo acadêmico sobre Literatura.

OLIVEIRA, Paulo Motta. A ascensão do romance em português: para além das histórias literárias nacionais. **Veredas**, Santiago de Compostela, n. 10, p. 173-181, 2008.

PAVANELO, Luciene Marie. **Entre o coração e o estômago**: o olhar distanciado de Camilo Castelo Branco. 2008. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

_____. **Análise das obras de Camilo Castelo Branco**. 2017. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Aula ministrada na disciplina de Narrativa Portuguesa, do curso de Letras Licenciatura, São José do Rio Preto, 2017.

LOPONDO, Lílian. O espaço e a paixão burguesa em Amor de Perdição. *In*: XIX Congresso Internacional da Abraplip: imaginário o não-espaço do real, 19., 2003, Curitiba: UFPR. **Anais do XIX Congresso Internacional da ABRAPLIP**: imaginário o não-espaço do real. Curitiba: UFPR, 2003, p. 538-540. Disponível em: http://www.abraplip.org.br/?page_id=77. Acesso em: 24 set. 2018.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).